

## Extensão cultural do Museu Etnológico

### A) — O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia

O Decreto n.º 22.338, de 13 de Março de 1933, publicado no «Diário do Governo» (1.ª Série) n.º 64, de 20 do mesmo mês, criou o *Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*. Referendou esse diploma o Ex.º Senhor Prof. Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, Ministro da Instrução Pública, que assim quis dar satisfação às sugestões e solicitações do Director do Museu Etnológico.

O Instituto recebeu este múltiplo, mas concorde, objectivo: — «*agremiar todos os beneméritos*», que para o Museu tenham concorrido «com elementos para as suas colecções, contribuindo mais ou menos para as escavações, investigações e aquisições a que tem procedido»; — «para vantagem da função que lhe (ao Museu) compete dentro do Estado e da Nação, cumpre *realizar obra de extensão cultural*»; — formar «*um todo harmónico e contínuo de cultura científica*» constituído por «a Arqueologia, estudo dos monumentos, a História, estudo dos documentos, e a Etnografia, estudo da tradição oral e das sobrevivências».

A Sede do Instituto tem sido, desde princípio da sua actividade, como é óbvio, no próprio Museu Etnológico, para cuja função cultural e de extensão científica foi criado.

Publicou em 1935 o primeiro número do seu *Boletim*. Foi este substituído pela revista *Ethnos*, que permitia maior e mais ampla expansão, por despertar maior interesse cultural com a publicação integral de trabalhos e de comunicações apresentadas em sessão de estudos pelos sócios do Instituto. Assim: em 1935, saiu do prelo o Volume I (321 págs.); em 1942, o II (467 págs.); em 1948, o III (505 págs.); está em preparação o IV. Todos têm colaboração nacional e estrangeira.

Que tem cumprido a sua missão, provam-no, além de outras actividades, como Conferências fora da sede, excursões de estudo, iniciativa e trabalhos de preparação (com representantes brasileiros) do 1.º Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, etc., bem como a publicação da revista, a extensa relação de estudos, comunicações, notícias, sugestões, ao longo dos vinte anos, que vêm de 1933 a 1953.

Essa relação, que se segue, limita-se, por agora, aos trabalhos em assuntos do campo arqueológico e das ciências afins. Não estará completa, o que não é de estranhar, atendendo ao período a que pertencem e ao elevado número de estudos apresentados. Em volume de *Ethnos* serão incluídos os que faltarem. Também então será ampliada a lista de agora, com a notícia das numerosas Comunicações de História e de Etnografia, que não têm relação directa e imediata com as ciências arqueológicas e a elas não são ligadas intimamente.

Prof. Dr. JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DE ALMEIDA

*Manuscritos da Biblioteca de Évora com interesse histórico para reconhecimento da obra de Machado de Castro* (1945).

Importância dos manuscritos para observação do espírito do artista consciencioso, que tudo apreciava para o êxito da sua Arte e para o brio com que defendia os seus comentários. Trata-se de defesa, que fez, de um certo teólogo, censor numa memória de Arte; alusão a outros manuscritos, dando preferência a este, que vem acrescentar uma página à obra literária do escultor, em grande parte publicada por Ferreira Lima.

*Uma carta de Joaquim Moreira de Sá a Fr. Manuel do Cenáculo* (1947).

Leitura e comentário da carta com a descrição das Termas de S. Miguel das Caldas, nas circunvizinhanças de Guimarães.

*As lucernas romanas em Portugal* (1953).

A comunicação, desenvolvida, é publicada na sua forma definitiva neste mesmo volume de *O Arqueólogo Português*.

Dr. ADELINO MARQUES DE ALMEIDA

*Estação arqueológica dos arredores de Lisboa, nas Terras do Pita, à Palhavã, hoje dentro da cidade* (1951).

Descrição e localização da estação de superfície; material paleolítico; numerosos elementos de estudo.

Tenente Coronel MÁRIO MARQUES DE ANDRADE

*Viriato, Grande Capitão, suas campanhas e estratégia. (147 a 139 A. C.)*. (1951).

Capítulos: — A personalidade de Viriato, estudada no plano estratégico; — Os povos da Ibéria; — As primeiras guerras dos Lusitanos; — Viriato; — As campanhas de Viriato; — Conclusões. Bibliografia, iconografia, mapas.

Esta Comunicação foi feita em Conferência, na Sala Algarve da Sociedade de Geografia de Lisboa, em Janeiro de 1951, e publicada em 1952, com um Prefácio do Vice-Presidente da Direcção deste Instituto, Sr. Prof. Luís Chaves.

Dr.<sup>a</sup> MARIA DE LURDES ARTUR

*Ruínas das Termas romanas de Meróbriga* (Santiago de Cacém) (1952).

Referência geral às Termas e Balneários romanos; descrição das Termas de Meróbriga, com fotografias.

Dr. AURÉLIO RICARDO BELO

*Escavações na estação arqueológica da Cova da Moura* (Torres Vedras) (1934).

Estudo da estação e inventário do espólio. Referência no *Boletim*, pág. 28.

JOSÉ MARIA BRAGA (JACK BRAGA) (Inglaterra)

*Os Portugueses e a sua influência na China: as porcelanas e as louças* (1952).

Desde os primeiros tempos da ida dos Portugueses à China, a predilecção pelas coisas de arte chinesa era tal que até da Índia levavam a incumbência de adquirir porcelana e outros produtos de cerâmica, o que ainda hoje pode verificar-se pela quantidade de preciosidades que se encontram na Índia e principalmente em Portugal, não receando afirmar que o que aqui tem visto, excede o que actualmente pode ser encontrado nos mercados da própria China. Nos fins do século XVI foram adquiridos serviços de jantar chineses para D. Filipe, então rei de Portugal, e muitas famílias nobres portuguesas tinham também serviços chineses de mesa com os seus brasões, de tipo absolutamente europeu. Só nos fins do século XVII a Companhia das Índias, inglesa, adquiria, por ordem de fidalgos e famílias ricas de Inglaterra, serviços de louças, alguns também com brasões. Esta Companhia explorou o negócio da venda de porcelana chinesa na Europa, tornando conhecida essa louça, que ficou sendo até em Portugal, erradamente, chamada louça da Companhia das Índias.

Referiu-se depois à introdução pelos Portugueses do uso do rapé na China, que deu origem à feitura de lindos frascos de porcelana, marfim, jade, ágata, etc., que enriquecem várias colecções. As missões católicas portuguesas exerceram também grande influência noutros aspectos artísticos, na feitura de objectos do culto, tais como pias de água benta, castiçais, imagens, paramentos, etc., e no próprio mobiliário e em malas, caixas, etc., de tamarindo, laca, charão e outros materiais.

RAFAEL CALADO

*A «Fonte Grande» de Leiria* (1935).

Com planta, desenhos, fotografias do conjunto das partes ornamentais da fonte, foi feita a descrição dela; estado actual e pormenores arquitectónicos de épocas diferentes, a partir da medieval.

Capitão JOSÉ AUGUSTO CORREIA DE CAMPOS

*Valor dos mitos e das lendas na determinação e classificação das raças* (1933).

Colheita folclórica em Timor, numa região rica para indagações deste carácter; interpretação e comparação das espécies apresentadas; origem não malaia dos indígenas, para quem esta palavra tem a significação de estrangeiro.

Referência no *Boletim*, pág. 28.

*Moeda arábica de prata, das cercanias de Mértola* (1938).

Informação do achado; considerações sobre as antiguidades arábicas de Mértola; oferecimento da moeda, por parte do Sr. Dr. Eduardo Fernandes de Oliveira, ao Museu Etnológico, por intermédio do apresentante.

Dr.<sup>a</sup> ROSA CARVALHEIRA Y CAPEANS

*Uma novidade no onomástico greco-latino* (1933).

Inscrição encontrada no lugar de Areias, do conc.<sup>o</sup> de Sintra. ASCELE MATRONA. Referência no *Boletim*, págs. 25-26. Publicação em *Ethnos*, vol. I, págs. 271-274.

*Lápida romana de S. João das Lampas* (conc.<sup>o</sup> de Sintra) (1933).

A inscrição estava incompleta; reconstituiu-a e fez-lhe comentários filológicos. CORNELIVS SEVERVS.

Referência no *Boletim*, pág. 27.

*Uma inscrição romana de S. Miguel de Odrinhas* (conc.º de Sintra) (1933).

Apresentação, leitura e comentários:  
L. IULIUS NERVA.

Referência no *Boletim*, pág. 28. Publicação em *Congresso do Mundo Português*, «Publicações», Vol. I. Lisboa, 1940, págs. 558-561.

*Antiguidades luso-romanas de Faião, Silva e Cabrela* (1933).

Apresentou elementos de contribuição para o estudo da época lusitano-romana da região de Lisboa.

Referência no *Boletim*, pág. 24. Publicação nas *Actas do 4.º Congresso*, no Porto, 1943, págs. 288-303.

JOSÉ RAÚL CRUZ CERQUEIRA

*Imagens e painéis de S. Domingos de Benfica* (Lisboa) (1933).

Pela documentação histórica citada, atribui as imagens ao escultor Manuel Pereira, embora, pelo exame crítico, devam atribuir-se a discípulos dele; data-os da terceira e quarta décadas do séc. XVII; os painéis são de Carduccio.

Referência no *Boletim*, pág. 29.

*Quadro sinóptico dos artistas portugueses que trabalharam em Espanha desde o séc. XV aos princípios do séc. XIX* (1934).

Apresentação, discriminação e referências aos artistas incluídos no quadro.

Referência no *Boletim*, pág. 31.

*No «Quadro das Lanças» de Velasquez figura um Português* (1934).

Indicação da personagem numa reprodução do quadro de Velasquez; procura identificá-la; será «un hijo de D. Manuel de Portugal e Nassau», descendente de D. António, Prior do Crato; por comparação com um retrato, existente na sua descendência, deve ser o jovem guerreiro, ferido, que se vê atrás de Justino de Nassau, seu tio.

Referência no *Boletim*, pág. 31.

*Semelhanças fisionómicas de duas pinturas* (1936).

As duas pinturas: *La Santa Faz*, quadro atribuído a Bartolomeu Bermejo, e o *Bom Pastor*, atribuído a Frey Carlos, proveniente talvez do Convento do Espinheiro de Évora, aquele no Museu do Prado (Madrid), este no Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa).

DR. FERNANDO CASTELO-BRANCO

*Identificação da Caetobriga romana com as ruínas de Troia* (1952).

Análise das identificações propostas para as ruínas de Troia e crítica delas; os argumentos em contrário provêm de dificuldades encontradas, e não de impossibilidade na identificação; a opinião de David Lopes, que pode Setúbal derivar de Caetobriga por intermédio do árabe, será argumento a favor da identificação de Troia com Caetobriga; coincidência do aparecimento de referências a Caetobriga nos autores, que trataram da Península, com a época das mais antigas moedas encontradas em Troia. Conclusão: não há argumentos contra a identificação Troia-Caetobriga, nem argumentos decisivos a seu favor; há, porém, dois indícios, que levam a essa identificação como mais provável dentro dos conhecimentos actuais.

*Os presépios portugueses mais antigos, de que há notícia* (1953).

Alude a trabalhos já publicados sobre o mesmo assunto, e apresenta notícia de um documento de Presépio seiscentista de Lisboa, com a particularidade de nele figurar, como episódio complementar, o assunto clássico do Cerco de Troia.

Prof. LUÍS CHAVES

*Considerações acerca da «Villa» lusitano-romana de Santa Vitória do Ameixial* (Estremoz) (1933).

Extensão, monumentalidade, valor artístico, importância agrícola, desta «villa» na colonização romana.

Referência no *Boletim*, pág. 25.

*Distribuição de algumas estações paleolíticas dos arredores de Lisboa (1933).*

Localizou as estações, apresentou numerosas peças, e chamou a atenção para muitos fragmentos de barro grosseiro, encontrados nessas estações e, entre eles, um de um bordo perfeito.

Referência no *Boletim*, pág. 26.

*Acerca da estátua, deformada, de Guerreiro Lusitano, o «Basto», epónimo da região nortenha de Basto, existente em Refoios (1934).*

Caracterizou as esculturas dos «Guerreiros», e incluiu na lista a do «Basto»; descreveu-a no tipo e nas deformações, que recebeu; referiu as lendas locais.

Referência no *Boletim*, pág. 31.

Publicação, opúsculo, Braga, 1934.

*A ponte medieval de Amarante, em forma de cavalete (1934).*

Aludiu à tradição regional, que a atribui a S. Gonçalo de Amarante; apresentou «registos de santos» de S. Gonçalo, em que figura a ponte, a propósito do conhecido milagre hagiográfico do discurso do Santo aos peixes.

Referência no *Boletim*, pág. 31.

*Achado de moedas romanas em Vinhais (1934).*

Referiu-se a um importante achado de moedas nesta vila trasmontana; grande parte delas foi recolhida no Museu Regional de Bragança.

Referência no *Boletim*, pág. 32.

*Pelourinhos de Portugal nos domínios do seu Império de Além-Mar (1935).*

Historiou a origem e significação dos pelourinhos e a sua erecção em terras ultramarinas; referência circunstanciada aos de Funchal, Cananor, Cochim, Cou-lão, Damão, Dio, Goa, Malaca, Ormuz, e do Brasil: Recife, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, São Vicente, etc.

Publicação em *Ethnos*, I, págs. 91-112.

*Figurinhas de osso, femininas, encontradas em estações romanas (1935).*

Apresentou uma série notável destas figurinhas, encontradas por ele nas escavações da «villa» lusitano-romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), e outras do Museu Etnológico; interpretação e comentário, citando trabalhos e referências de Vieira Natividade e D. Ramón Mélida; trata-se de figuras femininas, ligadas ao culto da fecundidade.

*Urna cinerária de Lisboa com inscrição latina (1935).*

Foi identificada por descrição imperfeita de Júlio de Castilho na *Lisboa Antiga*; considerava-se perdida; está no Museu Etnológico.

*Reconstituição do Pelourinho do Funchal (1938).*

Por um desenho encontrado numa carta e pela indicação de peças do pelourinho, que se encontravam dispersas na cidade do Funchal, foi possível reconstituir o monumento. Apresenta um desenho de Francisco Valença com a reconstituição.

O pelourinho foi restaurado e colocado numa praça da cidade.

*O Natal na Poesia e na Arte do povo (1938).*

Leitura de composições poéticas em que o povo português manifesta a inspiração cristã do Presépio; fragmentos de canções de alusão aos cuidados maternos da Virgem, loas em sua honra; agrupamento de assuntos; influência da tradição popular nos Presépios, e reflexos destes na Arte Popular.

*Importância histórica e monumental do Castelo de Palmela (1939).*

Acção militar dos freires de Santiago da Espada na Reconquista; importância política da Ordem; o monumento militar; necessidade da sua restauração e cuidada conservação.

*Esquema da Etnografia dos Transportes* (1945).

Exposição em duas partes: 1.<sup>a</sup> — esquema geral dos transportes, desde as formas mais primitivas, no que têm de tradicional e popular, feições extintas ou reduzidas a sobrevivências e factos espontâneos; 2.<sup>a</sup> — reunião de elementos suficientes para se preencherem os capítulos do desenvolvimento.

Publicação do estudo, ampliado e completado, no Livro de Homenagem ao Prof. espanhol Luís de Hoyos Sainz (Madrid, 1949, vol. I, págs. 113-129).

*Os Bronzes de Benim, Arte Afro-Portuguesa no Golfo da Guiné* (1945).

Importância da influência estética e técnica na formação do tipo africano dos «Bronzes de Benim»: influência até hoje não negada, e parece começar agora a ser recusada, embora nos estudos modernos se faça coincidir o seu esplendor com o domínio português na costa de Benim; por mais que se pretenda afirmar que procede das civilizações africanas dos Impérios do Norte, nunca a técnica da fundição do bronze nessa época em Benim poderia provir deles, mas de Portugal, onde era praticada e de onde foi transmitida pelos artífices portugueses que trabalharam em Benim e formaram essa bem caracterizada Arte Afro-portuguesa; apresentação de reproduções fotográficas.

*Considerações gerais sobre o Traje Popular português* (1945).

Estudo dividido por capítulos: o traje em relação com o meio geográfico e humano, em que se formou e desenvolveu, adoptou e assimilou; o traje como factor de economia regional e familiar, produto de riqueza regional, transformada em riqueza indumentária e em estímulo de trabalho caseiro; o traje como factor moral, prendendo o homem à terra, à família, ao lar; o traje como representação artística, pela aplicação estética do homem aos recursos naturais, que tem à mão; o traje

como campo de acção e de significação simbólica, por onde o homem fixa e transmite a linguagem psicológica dos símbolos pessoais e impessoais; o traje como arte popular n.º 1, para a qual contribuem todas as actividades, desde a do amanho e cultura da terra, até à tecelagem, tinturaria, aplicação de cores e enfeites, com a aliança da tradição, desde tempos proto ou mesmo pré-históricos (da pastorícia, por exemplo) e do espírito criador e transformador do homem. Trajes de criadores de gado e de pastores, de lavradores e caçadores, como continuação e sobrevivência de aproveitamentos primitivos.

*Lisboa, síntese da pré-história da Cidade e dos arredores mais próximos dela* (1947).

Enumeração e interpretação demográfica das estações e achados dentro da área actual da Capital e suas vizinhanças.

*Reconhecimento de estações neolíticas e de vestígios romanos no Concelho de Idanha-a-Nova, em Zebreira e Salvaterra do Extremo* (1950).

Localização dos restos dos monumentos: uma anta, quase destruída; recintos poligonais de esteios duplos, disseminados; um deles, apenas, intacto e conservado sob montão de pedras pequenas; outros recentemente destruídos para cultivo da terra; apresentação de material e notícia de outro; informação de uma pedra com inscrição latina, levada para a Universidade do Porto.

*Esta palavra «louça» na linguagem popular* (1950).

Publicação em *Homenaje a Fritz Krüger*, Mendoza (Argentina). Tomo I, págs. 199-206.

*Influências militares na formação de topónimos portugueses* (1952).

Por capítulos seguidos, apresentação de topónimos procedentes de «castros», castelos, outras obras de defesa e de comu-

nações militares, e de cargos, funções, serviços, pessoal, insígnias, armas, etc., com objectivos e aplicações guerreiras.

Dr. JOSÉ COELHO

*Notas Arqueológicas: «Cidades Mortas»; Contribuição para o estudo arqueológico e artístico da Beira (1934).*

Queiriz — Estação lusitano-romana; — A «Casa da Moura» (Carapito); — Penaverde; — «Aedicula» lusitano-romana; — Um Cidade Morta; — Santuário pré-romano; — Ainda na Cidade Morta; — do Sobral a Fornos: — castro de Infias.

Com 3 plantas, 2 desenhos, e 14 fotografuras de monumentos.

Comunicação publicada em *Ethnos*, vol. III, págs. 281-298.

JOÃO AFONSO CÔRTE-REAL

*As lápides em sânscrito da Quinta da Penha Verde, em Sintra (1945).*

Descrição dos dois monólitos das inscrições; importância histórica; necessidade da leitura definitiva e tradução para português. Entrega a separata do estudo intitulado «Estelas Indianas de Sintra».

*A «Fonte do Ídolo» em Braga (1946).*

Numa visita a Braga observou o estado de abandono e ruína deste monumento. Refere-se ao estudo, que dele fez o Prof. Leite de Vasconcelos. Pede a intervenção do Instituto em seu favor.

*Pedra trabalhada, existente em Pinhel (1947).*

Descreve a pedra, dotada de estranho preparo, da freguesia de Pereiro, do Concelho de Pinhel (Beira Alta).

*Época da Necrópole de Ancón (Perú).*

Actividades científicas no estudo do monumento; apresentação de um mapa e fotografias; oferta de um vaso para o Museu Etnológico.

*Moedas de porcelana do Reino de Sião (1945).*

Referência às moedas de porcelana, usadas no Sião; oferta de doze exemplares, por intermédio do Instituto, para a Secção de Numismática do Museu Etnológico.

Dr. FERNANDO AUGUSTO RUSSEL CORTEZ

*Estações paleolíticas de Lavadores e Pasteleira, nos arredores do Porto (1945).*

Referência a estações similares na mesma zona e à sua morfologia; considerações gerais sobre o Paleolítico português; importância das estações dos arredores do Porto para a determinação das nossas épocas paleolíticas e para a solução do «problema asturiense» da região portuguesa.

MIRCEA ELIADE (Roménia)

*Ritual mágico das colheitas de plantas de virtude, na Roménia (1843).*

Significado do ritual com que os povos da Europa Central recolhem as plantas de virtudes mágicas, nomeadamente da mandrágora; essas cerimónias, de rigoroso cumprimento, constituem, no seu pitoresco, uma revivescência das lendas com que os antigos envolviam o poder mágico dessas plantas, embora a representação seja muito inferior ao significado e forma dos ritos mais antigos. Usos na Roménia.

Dr. MANUEL SANTOS ESTEVENS

*Estações arqueológicas nos arredores de Lisboa (1938).*

Estações localizadas entre a Ajuda (Lisboa) e as Portas de Queluz (na Estrada de Circunvalação): numerosos instrumentos de sílex e fragmentos de cerâmica, bem ornamentada, campaniforme.

*Um castro com muralhas próximo das Portas de Queluz* (1938).

Localização no Alto da Cabreira; forneceu material calcolítico.

Dr. FERNANDO BANDEIRA FERREIRA

*Estado actual do Castro da Rotura* (Setúbal).

Situação na Serra de S. Luís, próximo de Setúbal; o estudo completo está por fazer; restos abundantes, de que apresentou numeroso mostruário; ruínas iminentes no castro, provocadas pela extração de pedra, livremente feita, o que prejudica o estudo definitivo. Pedido de intervenção do Instituto.

*Estação arqueológica a Sul do sítio de Alvalade, em Lisboa* (1951).

Localização, apresentação de fotografias, plantas, esboços, da estação; material paleolítico; contribuição para o estudo do território onde assenta a cidade de Lisboa.

*Esboço de carta das estações paleolíticas no litoral a Norte e Sul do Tejo* (1951).

Apresentação e comentários com a sugestão de ser continuado.

*Excursão de estudo à ponta do Cabedelo, na foz do Tejo: estação paleolítica* (1951).

Condições e localização do achado de uma estação paleolítica; apresentação do espólio recolhido.

*Estação paleolítica nos arredores de Montejo de Licerias (Província espanhola de Sória)* (1952).

Notícia documentada da estação; circunstâncias da visita; apresentação do «Livro da Carta Arqueológica de Espanha», na parte que respeita a Sória.

*Estudos arqueológicos na área da Estrada Nova* (Carnaxide, concelho de Oeiras), de colaboração com os srs. E. Prescott Vicente e José A. Amaral) (1953).

Localização da mancha arqueológica, onde foram encontradas cerca de duzentas e cinquenta peças paleolíticas (abevilenses, achelenses, tacienses e mustierenses) e neo-eneolíticas, de sílex, quartzite e quartzo. Relações da mancha com a estação do Casal das Canas, encontrada por Vergílio Correia; esclarecimento da topografia da zona por uma planta do local da mancha e dos lugares adjacentes; apresentação de numerosas peças das mais típicas.

*Estudo histórico e filológico de três inscrições lusitano-romanas do Concelho de Sintra* (1953).

Uma encontrada no Lugar de Baixo (Janas), duas em Odrinhas; epitáfios de celtas romanizados, um de nome COSCONIVS REBVRVS, soldado da XV Legião APOLINARIA PIA FIDELIS; outro chamado COMINIVS FIRMVS, devoto do deus ENDOVELICVS.

*Estação arqueológica na Serra de Monsanto* (1953).

Localização: Avenida de 24 de Janeiro, no alto da Serra; cronologia do material já recolhido; apresentação de exemplares típicos dos períodos paleolítico e neolítico.

Dr.<sup>a</sup> CÂNDIDA FLORINDA FERREIRA

*Os Castros e a mulher nesses centros guerreiros* (1933).

Investigações em Portugal e bibliografia estrangeira levam à convicção de que foi a mulher quem primeiro manifestou tendências artísticas, que imprimiu aos produtos de seu uso. A mulher ibérica proporcionou à cerâmica progressos artísticos. Referência no *Boletim*, pág. 25.



Dr. RAYNIER FLAES (Holanda)

*Estação paleolítica junto da Foz do Arelho* (Caldas da Rainha) (1946).

Localização da estação, condições do seu encontro, apresentação de material e comentários.

Dr. JOSÉ FORMOSINHO

«*Vila do Infante*»

Discussão da localização mais provável da «Vila», em face da Corografia.

Referência no *Boletim*, pág. 27.

Dr. JOSÉ FORMOSINHO e Professor ABEL VIANA

*Arqueologia pré-histórica do Concelho de Monchique (Algarve)* (1938).

Notícia de dólmenes, alguns deles primitivos.

Dr. JORDÃO DE FREITAS

*João de Castilho, arquitecto do Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa)* (1936).

Representação de João de Castilho a D. João III, por os frades do Mosteiro o obrigarem a pagar fôro do chão das casas de sua residência, construídas nas terras, que D. Manuel comprara e dotara a esse Mosteiro. O Rei interveio, por carta do Barreiro, de 10 de Fevereiro de 1523. O Mosteiro mandou fazer carta de empraçamento, por escritura lavrada pelo tabelião Brás Afonso, em 16 de Novembro do mesmo ano. Localização das casas; alvará de D. João III, de Évora, em 15 de Dezembro de 1524, com proibição de construções entre essas casas, a O. do terreno do Mosteiro, e este, e entre este e o mar. Leitura da escritura.

*A partir de quando e por quanto tempo foi o Promontório Sacro habitado pelo Infante D. Henrique, modernamente cognominado «O Solitário de Sagres»* (1938).

Crítica das fontes divergentes (*Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco

Pereira, *A Ásia, Década Primeira*, de João de Barros, e *Chronica do Príncipe D. João*, de Damião de Góis); cada uma dá a sua data à fixação do Infante em Sagres, mas desprovida de prova documental; João de Barros afirma que só depois de 1437, após o regresso de Tânger, o Infante se estabeleceu aí; assim deve ter sido na data, todavia sem fixação, pois são conhecidos os lugares e as datas por onde passou no Algarve (1437, 1438, 1444, em várias vezes) e fora dele (em 1438 em Soure, Viseu, Coimbra; 1440, em Santarém; 1441 e 1442, em Lisboa; 1443, em Vila Franca, talvez em Lisboa, e Soure); de residência mais seguida no Algarve há documentação desde 1444 a 1454; estava aí em 1458 no tempo da expedição a Alcácer-Ceguer; há porém provas de que a residência foi muitas vezes interrompida. Só depois de 21 de Janeiro de 1458 os escritos do Infante são datados do Algarve; nenhum documento conhecido foi datado de Sagres; da «Vila do Infante» foram datadas as disposições testamentárias, de 13 e 28 de Outubro de 1460. Se impróprio é, pois, o cognome de «Infante de Sagres», mais ainda o é o de «Solitário de Sagres».

D. MARIA B. L. BARJONA DE FREITAS

*O Presépio no século de Quinhentos na Pintura e na Imaginária: Um barista de Quinhentos e o seu notável Presépio* (1945).

Desenvolvimento do assunto, com referência à poesia do Presépio, acentuando a importância que teve no séc. XVI, depois que Soror Maria do Baptista comento e descreveu o que se fez no convento do Salvador em Lisboa, em seguimento da tradição, que pode atribuir-se aos fins do séc. XV. Criação do Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Catarina de Ribamar, e da igreja de S.<sup>ta</sup> Catarina em Lisboa; estabelecimento da Corporação e Irmandade dos Livreiros de Lisboa, que nesta igreja desenvolveu a prática do Presépio, até mandar fazer um seu; revelação da escritura,

pela qual o escultor espanhol, biscainho, Sebastião de Artiaga, se comprometia a fazer cabeças, braços e pernas para as figuras de vestir, isto é, «de roca», e os animais, cujas dimensões ficaram reveladas; data de 1562. Apontamento de nomes de monjas de Lisboa e Évora, em que figura o apelido «do Presépio», prova da importância do Presépio no séc. XVI. (Esta Comunicação foi repetida em Conferência pública, sob a égide da Câmara Municipal, Grémio Nacional dos Livreiros e Editores, Grupo «Amigos de Lisboa» e Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia).

P.º ANTÓNIO NOGUEIRA GONÇALVES

*A frontaria românica da Igreja de Santa Cruz, de Coimbra* (1939).

Após a reconstituição teórica da fachada, feita em 1934, da igreja românica, apareceram indícios que confirmam e ampliam essa reconstituição, principalmente em 1936. Os factos permitiram marcar com segurança as linhas gerais da primitiva fachada, concluindo que o auvernês Mestre Roberto executou esse tipo de fachada, que havia de reproduzir na Sé Velha e em outras igrejas do período coimbrão do séc. XI. Esboço das fases por que passou a fachada manuelina. Prova de que a imagem do Padre Eterno, apontada nas descrições antigas, não estava no pilar divisório das duas partes da porta, que não pertencia ao período de Nicolau Castelhana, e não passava de um alto relevo no frontão do remate da composição de três nichos, agora intercalados entre a porta e a janela.

Dr. JÚLIO GONÇALVES

*Os Padrões de Bartolomeu Dias* (1945).

Sua localização e suas relações com a história dos Descobrimentos; demonstração gráfica. Provável iconografia deles; tanto estes como os de Diogo Cão afir-

mavam a soberania de Portugal, balizavam roteiros e até serviam de referências de outra ordem a que não escapavam as de objectivo político. O padrão do Cabo da Boa Esperança pode muito bem ter sido destruído pelo gentio, levado por motivos de natureza supersticiosa e até política.

Prof. Doutor MANUEL HELENO

*Grutas artificiais do Tojal, Vila Chã e Carenque* (1933).

Apresentação e interpretação do espólio abundante destas grutas, notável pelas novidades, que traz à Arqueologia do período eneolítico, como, nomeadamente, sobre o uso dos crescentes de calcário.

Referência no *Boletim*, pág. 24.

*O Tesouro de Mira de Aire* (1934).

Descreve o lugar do achado e as circunstâncias em que se efectuou. O tesouro é constituído por três joias de ouro, com o peso total de 165,4 gr.

Referência no *Boletim*, pág. 32.

*Um achado de moedas arábicas em Abrã* (1934).

Refere-se às condições e ao valor do achado.

Referência no *Boletim*, pág. 32.

*Jóias pré-romanas* (1935).

Apresentou fotografias de joias pré-romanas de ouro, aparecidas em Portugal. Estudou a técnica e a decoração das mais antigas do nosso país; aludiu ao anel de ouro, helicoidal, da Gruta II da Senhora da Luz (Rio Maior). Falou: do «Tesouro de S. Martinho» (Alcácer do Sal) do final do Bronze I ou começo do Bronze II; do «Tesouro de Pragança», e do «Tesouro de Chão de Lamas», do Bronze III. Referiu-se às de Moura e, não concordando com a cronologia que lhes atribuiu o P.º Eugénio Jalhay, demonstrou que o «Tesouro» forma um conjunto homogéneo do final da época do Bronze.

Ocupou-se das joias da Idade do Ferro: do Outeiro da Cabeça (Ameixial: Torres Vedras) e do bracelete, também de ouro, dos arredores de Guimarães. O estudo das lúnulas eneolíticas leva à conclusão de não se poder pôr em dúvida que são de origem portuguesa as lúnulas europeias da Época do Bronze.

Cfr. *Ethnos*, vol. I, págs. 229-257.

#### *O Tesouro de Baião (1936).*

Compõe-se este «Tesouro» de três arrecadas do tipo das de Afife e Laundos, e de peças em forma de bolota, que deviam pertencer a colar como as que se vêem, por exemplo, na Dama de Elche; ainda lhe pertencem outras peças de aplicação ornamental; atribui-lhe, por comparação, a cronologia do séc. III A.C.

#### *Monumento cupuliforme de Carenque (Belas) (1936).*

Descrição do monumento, formado de câmara, com 3 metros de diâmetro, e 2 de altura, e de nicho abobadado.

#### *Notícia da existência de uma «Villa» lusitana-romana na Granja (Crato) (1936).*

Condições do achado e localização. Observação de cinco pavimentos cobertos de mosaicos: o 1.º de 8<sup>m</sup>,40 por 10<sup>m</sup>,40 de tipo geométrico, policrómico; o 2.º, enxadrezado de preto e branco; o 3.º igual a este; o 4.º cinzento e roxo; o 5.º policrómico, com 8<sup>m</sup> por 11<sup>m</sup>,30.

#### *Estação romana de Montalvo (1936).*

Informação desta estação a 8 km de Constância; ocupa grande área.

#### *Mosaico lusitano-romano do sítio da Caveira (Torres Novas) (1937).*

Mosaico de «opus tessellatum», de 7<sup>m</sup> por 7<sup>m</sup>; tem uma parte central com medalhões e cercaduras a quatro cores, e à volta uma larga faixa com figuras geométricas, de tesselas pretas e brancas.

#### *Notícia da recente descoberta de três estações arqueológicas (1937).*

As estações indicadas são as seguintes: — necrópole calcolítica na Mata do Almojarife, próximo de Pombalinho (Santarém), já parcialmente destruída, com indústria lítica, cilindros de calcário e ossadas coloridas de vermelho; — necrópole proto-histórica em Vila Nova de Mil Fontes, que atribui à primeira invasão céltica, com urnas cinerárias, fios de cobre, contas vítreas e uma argola de fio torcido de ouro; — uma «villa» lusitano-romana em Pardais, concelho de Vila Viçosa, com uma sala pavimentada de mosaico de desenho geométrico, canalização de chumbo, colunas de mármore, materiais de construção, espalhados numa área de cerca de um hectare.

#### *O culto do machado no Calcólítico português (1937).*

Extensão do culto na Europa, e particularmente em Espanha (gravuras do castro de Santa Tecla, na Galiza, e pinturas rupestres de outras regiões); em Portugal atestam-no: 1.º Os machados encabados, simbólicos, das grutas de Amoreira de Óbidos, Carenque, Cascais, Palmela, dos monumentos de Estria e S. Martinho de Sintra, e parece que de outras representações de S. Mamede de Óbidos, de Trás-os-Montes; 2.º As placas encurvadas de xisto, vulgarmente designadas por «báculos» do eneolítico. Fragmentos do protótipo, encontrados e interpretados no Museu de Santarém. Esquema da evolução, feito pelos exemplares, existentes no Museu Etnológico.

Notícia nos jornais de Lisboa: *A Voz*, de 14-VIII-1937, *Diário de Notícias*, de 26 do mesmo, etc.

#### *Notícia de algumas ossadas humanas e cerâmica encontradas em Famalicão (Nazaré: Estremadura) (1938).*

Achado de um esqueleto humano e de outras ossadas, com cerâmica ornamentada e uma ponta de cobre. Anuncia que estes achados já deram entrada no Museu Etnológico.

*Estação lusitano-romana de Três Minas (Concelho de Vila Pouca de Aguiar, Trás-os-Montes) (1938).*

Estação em que foram encontradas três inscrições funerárias, cerâmica, vidros, um anel de cobre. O espólio, que teve ocasião de visitar, encontra-se guardado pelos Serviços Florestais da região.

*Segundo mosaico, descoberto na estação lusitano-romana da Caveira (Torres Novas) (1936).*

A acrescentar à notícia anterior, comunica o achado de outro mosaico da mesma estação, e bem assim dum *balineum*.

*Termas romanas no Tramagal (Abrantes) (1938).*

Notícia do aparecimento desta estação, com pavimentos de mosaicos.

*A gruta da Ermejeira (Torres Vedras) (1939).*

Gruta formada por câmara de 4<sup>m</sup> de diâmetro, aproximadamente, e corredor aberto ao N. Espólio de crânios e outras ossadas, cerâmica campaniforme, joias de ouro e, misturados na terra, instrumentos líticos. As joias têm a forma de chapinhas quadrangulares como as de Palmela, e de brincos de tipo novo na nossa arqueologia. Importância do monumento, que revela outro provável conjunto de grutas, de que só temos Palmela, Carenque e Alapraia. Dá a conhecer novos tipos de joias, que ascendem a 4.500 anos.

*O Sarcófago romano de Castanheira do Ribatejo (1945).*

História do monumento, descrição e interpretação dos seus motivos, cronologia e posição do mesmo na arqueologia nacional.

Conclusão: peça única e de grande raridade no Ocidente; possivelmente importado da Síria nos meados do séc. III.

*Mosaicos romanos de Torre de Palma (Monforte do Alentejo) (1947).*

Descrição da «villa» e apresentação fotográfica; revelação de magníficos exemplares de algumas das melhores peças de mosaicos do mundo romano.

*O «Problema da origem e desenvolvimento das construções megalíticas» (1950).*

Importância dos resultados da exploração das antas no Alentejo; a existência das fases destes monumentos, desde as mais primitivas, até às da forma final, leva a pôr o problema da irradiação deles dessa zona de Portugal.

*Jóias pré-romanas — Comunicações e estudo de desenvolvimento delas, publicadas na revista Ethnos, vol. I, págs. 229-257.*

Considerações gerais; o «Tesouro de S. Martinho (Alcácer do Sal)»; o «Tesouro de Mira de Aire»; o «Tesouro de Pragança»; o «Tesouro de Moura»; o bracelete de Guimarães; o «Tesouro do Outeiro da Cabeça» (Torres Vedras); bracelete de Estremoz. 11 estampas com 39 figuras.

*Gruta artificial da Ermejeira — vol. II, págs. 449-459.*

História do achado; descrição e espólio; das joias em especial brincos e contas tubulares; cronologia. Com 26 ilustrações.

*Sarcófago romano da região de Vila Franca de Xira — vol. III, págs. 475-483.*

*O culto do machado no Calcolítico português — com 7 ilustrações, vol. II, págs. 461-464, (a duas colunas).*

*O problema da origem das lúnulas — vol. II, págs. 464-467, (a duas colunas).*

*O problema do Capsense; contribuição portuguesa para a sua revisão* — vol. III, págs. 493-494, (a duas colunas).

*Ainda a colher de Terrugem* — vol. III, págs. 494-495.

(A propósito da comunicação do Sr. P. Silva Louro sobre uma colher, com inscrição cristã, aparecida em Terrugem, Alto Alentejo).

*Pesquisas em Atouguia da Baleia* — vol. III, págs. 495-496, (a duas colunas).

*Campo de urnas da Chaminé* (Elvas);

*A «villa» romana do Carrão* (Elvas);

*Investigações do Museu Etnológico em estações paleolíticas de Torres Vedras* (1950).

1 — Referiu-se às escavações realizadas no campo de urnas pelo sr. Dias de Deus, e pôs em evidência a importância excepcional desse campo para o conhecimento das invasões indo-europeias no território português; relacionou-o com outros campos peninsulares (Alpiarça, Molá, Anglés e Can Missert) e com a necrópole de Alcácer do Sal e o castro da Azougada (Moura), para concluir tratar-se duma estação do séc. VI ou V A.C., com enterramentos posteriores (célticos, ibéricos, romanos e visigóticos); possivelmente será devido aos «Cempsi» e aos seus continuadores os «Celtici».

2 — Estudou depois a «villa» romana do Carrão e os seus mosaicos, que datou do séc. III de C., afirmando ser ela, depois das de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), a mais importante do País.

3 — Por fim ocupou-se das investigações do Museu Etnológico em estações paleolíticas de Torres Vedras, salientando as das grutas de Maceira e as solutrenses e grimaldenses de Cambelas. Estudou também o espólio de Cabeço de Arruda, salvo pelo sr. Leonel Trindade, e mostrou

o seu parentesco com o de Carenque e o interesse que tem para o conhecimento do culto da Lua na época eneolítica, terminando por dizer que o encontro ali duma *lunula* prova a existência deste em Torres Vedras, como já afirmara, e fora posto em dúvida pelo Rev. Padre Jalhay.

H. HERAS (Espanha)

*La Raza Hamito-Mediterránea*

Comunicação publicada no vol. II, pág. 97-102.

Dr. JOAQUIM ALBERTO IRIA JUNIOR

*A Capela e Túmulo de João do Rego na Sé de Silves.*

Identificação da personagem, que serviu como contador da Casa e Terras do Infante D. Henrique; descrição da capela e do túmulo.

Capitão JORGE DAS NEVES LARCHER

*Os castelos portugueses* (1934).

Aludiu aos castelos medievais. Apresentou um projecto de defesa e restauração dos que existem, e de um padrão para marcar a existência e localização dos desaparecidos.

Referência no *Boletim*, pág. 31.

*Considerações sobre o brasão de Sesimbra* (1936).

Comenta o estudo de Afonso Dornelas no *Elucidário Nobiliárquico*; discute-o e conclui que o brasão da parede dos Paços do Concelho da vila não é o da família Martins de Deus, e nenhum documento prova que ele seja o brasão da vila, embora nele estejam representados alguns elementos da história dela.

*«Visitação da villa de Sesimbra feita pelo mestre dom Jorge nosso senhor»* (1938).

Documento, do séc. XVI, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Cartório

da Ordem de Santiago; importância para o estudo da reconstituição do castelo da vila. Referência aos azulejos da igreja do mesmo castelo, em perigo da destruição.

Prof. Dr. G. LEISNER (Alemanha)

*Probleme der östlichen Ausbreitung der portugiesischen Megalithkultur* (1934).

(Considerações gerais); Grundrissform und Bauweise; Grabbeigabenn; Gerillter Nadelkopf; I. — Architektonische Probleme: II. — Zur Ausbreitung der Pfeilspitze mit konkaver Basis.

Com 5 estampas (plantas, desenhos e fotografuras).

Trabalho publicado em *Ethnos*, vol. II, págs. 1-21.

*Anta de Pedra Coberta, em Vimianzo* (Galiza) (1934).

A anta fica na estrada de Santiago a Corcubión; é notável pelas pinturas policrómicas, que contém; descrição do monumento e apresentação de quadros-mapas com a reprodução colorida das pinturas.

Referência no *Boletim*, pág. 30.

Publicação em *Ipek*, 1934, e *Investigación y Progreso*, Madrid, 1934.

ANTÓNIO SIMÕES CRAVO DE LIMA

*Sepulturas abertas na rocha na região de Santa Comba Dão* (1933).

Existência de sepulturas, algumas com entulho de materiais romanos de construção; documentação feita com plantas e fotografias.

Referência no *Boletim*, pág. 27-28.

Dr. JOSÉ FRAGOSO DE LIMA

*As minas pré-históricas de Rui Gomes* (1945).

Referências antigas à exploração destas minas nos tempos pré-históricos, e depois pelos Romanos, localizavam-nas vagamente no Alentejo; ficam agora localizadas com

precisão no Concelho de Moura, na freguesia de Santo Agostinho. Apresentação de numeroso material (seixos rolados com o sulco envolvente para seu encabamento).

*Os monumentos romanos no agro de Arucci* (1945).

Localização da cidade, mencionada em notícias e roteiros romanos da Península. Monumento epigráfico, achado no séc. XV, com referência à Cidade Aruccitana. Tentativas de localização; está em Moura. Será em Moura o local da cidade?

*Estudos arqueológicos nas plataformas do Guadiana* (1946).

Exposição das pesquisas, localização de achados e apresentação de material lítico. Discordância com os arqueólogos espanhóis, que negaram a existência de traços neste rio e portanto a do homem paleolítico em zona do Baixo Guadiana.

*O Outeiro de S. Bernardo e a cerâmica campaniforme* (1945).

Localização do outeiro no concelho de Moura; importância da estação; cerâmica campaniforme, novidade nesse concelho; sugestão de se alterar o estudo dos roteiros desta cultura em Portugal: por via marítima (P.º Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, também Dr. G. Leisner), não se teria afastado da costa; no entanto aparece em lugares tão interiores como o Outeiro de S. Bernardo que levam à consideração de roteiros também terrestres).

*Os monumentos romanos no agro de Aruccia* (1946).

Alusão a cidades, vilas, povoações rurais, estradas, antas utilizadas, etc.; menção de monumentos existentes e identificados; importância da região nos tempos da romanização e do domínio romano, pela situação geográfica entre a parte meridional da Espanha actual e o Ocidente peninsular, lusitano; indicação de estradas.

*Relação das estações pré-romanas da região de Moura* (1946).

Informação de algumas delas, salientando a da Azougada, castro da Idade do Ferro, de grande extensão e rico espólio; alusão a outras, apenas reconhecidas.

*A região de Mértola pré-histórica* (1952).

Estudo e características das estações da região; localização e material recolhido.

*Lápide sepulcral romana, cristã, de Mértola* (1952).

Apresentação da inscrição e notícia do seu achado; inclusão dela na série notabilíssima pelo número e pelos elementos de estudo, que a antiga cidade romano-germânica tem fornecido.

## P.º HENRIQUE DA SILVA LOURO

*Inscrição cristã de há 1.600 anos encontrada na Terrugem*

Com 2 ilustrações.

Comunicação publicada no vol. III, de *Ethnos*. págs. 347-348.

## DR. FALCÃO MACHADO

*A Estação asturiense do Rodanho* (1933).

Estudo geológico e arqueológico da estação, ribeirinha do rio Lima, fronteira a Viana do Castelo. Apresentação de material encontrado.

Referência no *Boletim*, pág. 28.

## DR. JOÃO MARTINS DA SILVA MARQUES

*Dois pintores quinhentistas portugueses* (1935).

Encontro de duas tábuas quinhentistas, identificação documental delas e do seu autor, o pintor Cristóvão Vaz, residente em Lisboa, vagamente conhecido; pelos

documentos apresentados. fica provada a sua actividade artística em 1582 e 1584, e são identificados os retábulos «Os Reis Magos» e «A Ressurreição de Cristo», bem conservados: fotografias dos dois quadros, bem como das assinaturas do artista. Por outros documentos do mesmo arquivo, dá nota de outras obras de arte de Diogo Teixeira (1586) e Bento Coelho da Silveira (1704), hoje desaparecidas, e de novo painel de Cristóvão Vaz, também perdido. Salienta a importância decisiva dos documentos na história da arte.

*Inventário da ourivesaria da Basílica de Santa Maria de Belém, vulgo dos Jerónimos* (Lisboa) (1946).

Apresentação do inventário e notícia da sua existência; valor da riqueza desse tesouro litúrgico e informação histórica da sua formação; dispersão das peças, existência em museus, e desaparecimento de muitas, em que há de ter tido parte grande a ocupação de Lisboa pelo exército francês de Junot.

## FERREIRA MARTINS

*Moeda cunhada e que circulou nas nossas colónias, na Índia, em Macau e na África Oriental e Ocidental* (1933).

Expôs a política monetária de Portugal no Império ultramarino.

Referência no *Boletim*, pág. 27.

## DR.ª IRISALVA CONSTÂNCIA DA NÓBREGA NUNES MOITA

*O Mosaico de Martim Gil* (Leiria, Marrazes) (1953).

Condições do achado; localização; relação com outro mosaico do mesmo local; ambos com a figura de Orfeu, um (Orfeu I) no Museu Etnológico, outro (Orfeu II) nos Estados Unidos; descrição e estudo pormenorizado do primeiro; o mito de Orfeu e sua interpretação pelos primitivos cristãos; hipótese de este per-

tencer a uma basílica cristã; cronologia: princípios do séc. IV, atendidos certos factos orientadores.

*Exploração de antas nos arredores de Mora e de Pavia* (Alentejo) (1953).

Quatro antas: duas em Mora e duas em Pavia; continuação dos estudos de Vergílio Correia; descrição dos métodos usados e resenha da estrutura dos monumentos, com as respectivas plantas; material obtido, apresentação das peças mais características; cronologia baseada na classificação proposta pelo Prof. Dr. Manuel Heleno.

Major JACINTO JOSÉ DO NASCIMENTO MOURA

*O Padrão de Sundra* (1933).

Informação e leitura de um documento da Torre do Tombo, que se refere ao padrão português do porto de Sundra, encontrado há anos neste lugar.

Referência no *Boletim*, pág. 28.

Dr. A. R. NYKL (Estados Unidos)

*As inscrições árabes no Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos.*

Estudo e leitura de sete inscrições: respectivos desenhos.

Trabalho publicado no vol. II, de *Ethnos*, págs. 23-31.

Prof. Dr. HUGO OBERMAIER (Alemanha e Espanha).

*Distribuição geográfica dos Monumentos Megalíticos na Península Ibérica* (1934).

Apresentou as conclusões destes seus estudos e dissertou largamente sobre o assunto; afirmou que deve procurar-se a origem dos megálitos e o centro da sua irradiação na zona em volta de Lisboa e especialmente no Alto-Alentejo.

Referência no *Boletim*, pág. 33.

JEAN OLLIVIER (França)

*Les éléments de faucille néo-énéolithiques des environs de Lisbonne* (1950).

Com 4 ilustrações

Comunicação publicada no vol. III, de *Ethnos*, págs. 107-111.

*Tentativa de reconstituição de uma foice eneolítica. Um polidor de basalto* (1950).

Apresentação de instrumentos de sílex devidamente aparelhados; instrumento de basalto, bem polido, preparado em relação ao fim de servir de polidor de oleiro, encontrado no Sobreiro (Mafra); é modelo até hoje desconhecido; pela forma, sensivelmente piriforme, foi comparado com outros espécimes do Museu Etnológico, possivelmente atribuíveis ao mesmo uso.

*Pesquisas no campo arqueológico entre o Casal do Borel e o Casal do Mochô, na área da Amadora e Queluz* (1951).

Relato das pesquisas nesta zona paleolítica dos arredores de Lisboa; apresentação de exemplares recolhidos, desde os mais rudes às peças de mais apreciável trabalho do período achelense; uma delas é um belo espécime do tipo.

Dr. FÉLIX ALVES PEREIRA

*A propósito das ruínas dos monumentos cupuliformes do Vale de S. Martinho* (Sintra) (1936).

Descrição do lugar e dos monumentos; analogias com o monumento do Monge; carácter funerário comum; do período eneolítico; importância do espólio recolhido pelo Museu Etnológico em 1896, principalmente de uma enxó de calcário, que tem corrido o mundo em reproduções; comparação com outras peças análogas de Palmela e Carenque.



Dr. MANUEL DE PAIVA PESSOA

*Contribuição para o estudo da Idade do Bronze na região de Castelo Branco* (1936).

Descrição do tesouro da Idade do Bronze, encontrado no lugar de Salsa Parda, Quinta do Ervedal, em Castelo Novo; pertence ao Museu de Castelo Branco.

*Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze na região de Castelo Branco* (1937).

Apresentação de fotografias e desenhos de achados da região.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> VIRGÍNIA RAU

*O Inventário da Rainha D. Catarina de Bragança* (1946).

Importância dos inventários deste género e sob muitos aspectos; descrição dos bens da Rainha no Palácio da Bemposta, em Lisboa; entre outras peças referidas no inventário, alusão especial e minuciosa ao célebre toucador de ouro, obra prima da ourivesaria inglesa do séc. XVIII.

Dr. PEDRO BATALHA REIS

*O Real Grosso de D. Afonso V* (1933).

Foi cunhado em 1476, depois do soberano ter sido aclamado rei de Castela: escudo real de quatro castelos, ladeado de duas cabeças de touro, o que leva à conclusão da sua cunhagem em Tóro.

Referência no *Boletim*, pág. 28.

*Estudo de moedas de D. Afonso V com as armas de Leão e Castela* (1933).

Exposição disposta em três partes: -- resenha histórica; -- identificação das moedas de Toro; -- descrição numismática. Conclusão: amoedação em Toro, cujo símbolo, a cabeça de touro, aparece nas moedas; com as armas as iniciais P L C que decem ler-se: PORTUGAL. LEÃO.

CASTELA. Estas moedas pertencem a 3.<sup>a</sup> fase da numária de D. Afonso V.

Referência no *Boletim*, pág. 29.

*Duas séries monetárias de D. António, Prior do Crato* (1934).

Depois de apresentar ampliações das moedas de Toro, referiu-se às de D. António, para mostrar a desvalorização monetária desse monarca.

Referência no *Boletim*, pág. 30.

*Uma colecção de moedas ibéricas* (1934).

Apresentação de moedas de um colecionador particular, entre as quais uma inédita e única da cidade de Sagunto; quatro «asses» de Salpesa com caracteres latinos, de Saetaribus, Lérida e Jili, com caracteres ibéricos; outras, com estes mesmos caracteres, de lugares ainda não reconhecidos geograficamente; e duas moedas anepígrafas de Emporiae e Gades, bem como um exemplar de outra de Emerita, inédito, com indicação de ter sido cunhado com autorização do Senado Romano. Apresentou e discutiu o «as liberales» tão falado na imprensa.

*Nova série de moedas do rei D. António* (1938).

Série de moedas até agora desconhecidas. O conhecimento dela partiu do estudo de uma moeda única, inédita, do Museu Numismático Português: moeda de 500 réis de ouro, mandada cunhar por D. António em Angra, após a terceira quebra da moeda.

*Grande Bronze de Nero* (1938).

Moeda pertencente ao Sr. Coronel Freitas Garcia; no reverso vê-se o templo de Jano com as portas fechadas, o que apenas acontecia em tempo de paz, e diz a legenda que Nero as fechou pela paz que alcançou por terra e por mar: CLVSIT PACE TERRA MARIQVE PORTA IANVM.

*Duas medalhas da Infanta portuguesa D. Isabel, mulher de Carlos V (1938).*

Duas medalhas: uma do Museu Numismático de Berlim, outra do Dr. Miguel Leite de Faria.

*Interpretação e identificação de um carimbo monetário (1946).*

Referência ao 1.º tipo do *cruzado* de D. Manuel I e única moldagem que se conhece do exemplar pertencente a Fr. Manuel do Cenáculo, roubado em 1808 no saque dos franceses. Identificação do carimbo que apresenta. Por comparação com o carimbo em outros cruzados, conclui que a marca é consequência da determinação da lei de D. Afonso VI de 1662, pela qual o «cruzado» foi equiparado a 1.000 réis e consequentemente o «português» a 10.000 réis.

*Os Morabitinos (1938).*

Exposição do assunto; estudo do morabitino com suas características numismáticas e políticas; documentação gráfica e bibliográfica.

*O espírito religioso da numismática portuguesa (1943).*

Pôs em relevo o carácter cristão, manifesto em todas as nossas moedas, desde os velhos «dinheiros» e «mealhas» de D. Afonso Henriques até aos escudos de hoje e de sempre, pois em cruz foram postas as Quinas.

Prof. Dr. ORLANDO RIBEIRO

*Resenha geológica da Península entre os estuários dos rios Tejo e Sado (1936).*

Depois de apresentado o estudo geológico, descreveu os tipos arcaicos de casas na parte ocidental, entre Caparica e Sezimbra; relacionou as edificações com os

materiais de construção, o clima e outros elementos locais; solientou a importância do método geológico em estudos de Etnografia, principalmente material, preconizado pelo Dr. Leite de Vasconcelos.

*O «Habitat» rural em Portugal (1938).*

Referência a vários aspectos da vida pastoril portuguesa: as «brandas» e as «inverneiras» da Serra da Peneda, migrações essencialmente agrícolas, aproveitadas pelos gados, sem confusão de objectivos com os movimentos de transumância; a transumância na Serra da Estrela; exemplo de uma comunidade aldeã com sobrevivências comunistas, que, bem como outros exemplos da raia trasmontana, coincidem com formas de «habitat» fortemente aglomerado.

*Importância do factor geográfico em assuntos como o das origens de Portugal, o povoamento e problemas afins. Estudo comparativo entre o povoamento do território português no princípio da Monarquia e o das épocas pré-histórica e proto-histórica (1941).*

Salienta a necessidade fundamental do factor geográfico em assuntos históricos como os apontados; a distribuição populacional exige aquele estudo comparativo com os períodos anteriores; a densidade dos castros e das antas é de notar pelo que representa no território; demonstra com o mapa do Dr. Leite de Vasconcelos para o estudo do povoamento nos tempos pré-históricos; os trabalhos de Martins Sarmiento e os estudos de Alberto Sampaio unem essas populações e relacionam-nas com os fundamentos e desenvolvimentos dos centros portugueses de população; comentário do armamento na Reconquista, afirmado por historiadores, que nem os factos nem os documentos e as crónicas podem confirmar; crítica das hipóteses até hoje apresentadas para justificar a independência de Portugal.

*Achados paleolíticos em Monfortinho*  
(Beira Baixa, Idanha-a-Nova) (1944).

Localização dos achados, próximo de Monfortinho: apresentação de um exemplar biface e lascas.

Dr. ABÍLIO ROSEIRA

*Escavações em Liceia e no Vale do Jamor.*

Referiu-se às escavações, que andava fazendo na estação de Liceia (cercanias de Queluz de Baixo: concelho de Oeiras) onde encontrou sepulturas e recolheu material; no Vale do Jamor (Senhora da Rocha) descobriu um castro calcolítico de grande riqueza.

Luís REIS SANTOS

*A Pintura nos séculos XV e XVI* (1933).

Relato dos processos científicos, hoje utilizados nos estudos das obras antigas de Pinturas; demonstração fotográfica.

Referência no *Boletim*, pág. 29.

*Os Portugueses das Conquistas e a Pedra do templo de Elefana* (Índia) (1933).

Visita dos Portugueses a este templo, dedicado a Siva, quando se estabeleceram em Baçaim; arranque da pedra, com inscrições, na presença do Governador da Índia, Martim Afonso de Sousa; referência a outras pedras semelhantes; comparação destes danos, praticados por soldados portugueses, explicados por zelo religioso e em tempo de luta, no séc. XVI, com os estragos causados pelos Ingleses, nos sécs. XIX e XX, sem justificação; crítica a escritores ingleses, que atribuem caluniosamente os estragos aos Portugueses.

Referência no *Boletim*, pág. 29.

*A Pintura portuguesa nos séculos XV e XVI* (1933).

Largo desenvolvimento da Pintura Portuguesa nestes séculos; referência aos

«Primitivos» e à expansão artística francesa; referência à falta de arquivos e do inventário artístico; justificação do perigo das identificações da autoria de quadros sem base documental.

Referência no *Boletim*, pág. 29.

*A classificação dos quadros da Pintura da Renascença* (1934).

Alusão à classificação da maioria dos quadros desse período, sobre o qual lançaram muita luz os documentos encontrados por Vergílio Correia; estes revelaram mais de cem pintores do séc. XVI, quando, nos nossos museus, os quadros do séc. são atribuídos apenas a seis ou oito artistas. Referência a cinco quadros do Palácio Burnay (Lisboa); análise e documentação deles, com possível indicação do autor; um deles, de 1536, com iniciais, permitem atribuí-lo a Bastião Afonso, que figura num contrato para a igreja de Valdigem (Beira Alta, concelho de Lamego), publicado por Vergílio Correia; nele se estipula que só pode mandar debuxar a Cristóvão de Figueiredo as imagens do retábulo encomendado; por ele tem de se reconhecer esta parçaria, além de outras já reconhecidas, o que não permite determinar com rigor, de uma forma geral, que este ou aquele quadro do séc. XVI pertence à autoria de este ou aquele pintor.

Referência no *Boletim*, págs. 30-31.

*A Igreja de S. Amaro, de Beja* (1934).

Relíquia arquitectónica rara; comentário histórico; crítica do abandono artístico do monumento e do seu actual emprego mercantil.

Referência no *Boletim*, pág. 33.

*Retratos de Vasco da Gama* (1934).

Documentado, não conhece nenhum retrato de Vasco da Gama, tirado do natural; refere-se aos da Galeria dos Vice-reis, em Goa, ao do original das *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, à estátua do Arco dos Vice-reis, em Goa, às iluminuras

do *Breve tratado ou epílogo de todos os vice-reis*, de Pedro Barreto de Resende, no original e nas cópias de Londres e Paris, que inspirou telas, gravuras, litografias, esculturas, e outras espécies iconográficas, do séc. XVII em diante; menção de telas com legendas do séc. XVIII ou dos fins do anterior, semelhantes entre si; comparou os traços fisionómicos destes retratos e do medalhão do Mosteiro dos Jerónimos, que se supõe representar V. da Gama; e, perante o retrato do Museu de Arte Antiga, que se diz ser dele, afirma não o poder ser; não concordantes os traços fisionómicos, só a tradição oral, vaga e moderna, lhe dá essa atribuição.

Referência no *Boletim*, pág. 31.

O «*Casamento místico da Santa Catarina*», quadrinho de Frei Carlos na *Colecção Cook*, de Richmond (1935).

Estudo pormenorizado desta obra, o primeiro em Portugal; identificação do quadro por Herbert Cook; importância e significação de quantos estudos esclareçam as relações artísticas de Portugal e Flandres nos três primeiros decénios do séc. XVI; valor do quadro, que marca definidas características flamengas do artista delicado, que trabalhou para o convento do Espinheiro, de Évora, e para Santa Marinha da Costa, ora no estilo influenciado por Memling e mais directamente por Albert Bouts, ora na expressão gráfica e cromática, resultante da arte dos miniaturistas nórdicos.

O *Natal na Pintura do século XVI* (1938).

Exemplos da influência do Natal na inspiração dos pintores quinhentistas.

A «*Paixão*» da Igreja de Jesus, de *Setúbal* (1938).

Tentativa de reconstituição do antigo políptico, cujos painéis componentes se encontram no Museu de Arte Antiga, mas

separados: o central com o «*Calvário*», e os laterais, duplos, com cenas da «*Paixão*» no anverso, e da «*Anunciação*», S. Francisco de Assis, e Santo António de Lisboa, no reverso. História do políptico depois da dispersão das tábuas; demora na reconstituição, por serem considerados, desde então, diferentes os estilos do painel central e dos laterais, como demonstrou pela leitura das opiniões de Raczyński, Carl Justi, Filipe Simões, Conde de Almedina, Gabriel Pereira, Joaquim de Vasconcelos e José de Figueiredo.

*Valioso documento iconográfico do século XV, inédito em Portugal* (1938).

Grupo de três pinturas, que representam a coroação do Imperador da Alemanha e o seu casamento com a Princesa D. Leonor de Portugal; pinturas da época, têm o mais alto valor para a história portuguesa, e constituem o complemento pictural das cartas de D. Lopo de Almeida.

*Uma tábua do Museu das Janelas Verdes, que representa «S. Lucas retratando a Virgem»* (1939).

Relações entre este painel e o desenho do mesmo assunto no Museu Boymans, de Roterdão; fases da actividade artística de Van der Goes; conclusão: o quadro do Museu de Lisboa foi pintado entre 1476 e 1482, depois da entrada de Mestre Hugo de Gant no Convento de Rouge-Clôître; leitura de trechos da Crónica de Gaspard de Tournay sobre a doença de Van der Goes; com outros elementos, foi possível situar «S. Lucas» na crise psíquica e na carreira profissional do grande génio da Pintura flamenga do séc. XV.

*Painéis da Igreja Matriz de Linhares da Beira* (Concelho de Celorico da Beira) (1939).

Estes quadros, em número de três, eram conhecidos, mas nunca foram classificados; sua importância para a história da actividade dos pintores da Beira durante

a primeira metade do séc. XVI; identificação: de Vasco Fernandes e da sua época menos documentada, entre a execução do retábulo da Sé de Lamego (1511) e os seus trabalhos para Santa Cruz de Coimbra (1535).

Os três quadros devem ser os restos de grande retábulo, como o da Sé de Lamego, pelo menos, séries consagradas à infância e Paixão do Senhor. O estado, porém, em que se encontram, não permitiu verificar se Vasco Fernandes teve nesta obra colaboradores.

#### *História das Belas Artes em Portugal (1934).*

Crítica das investigações neste campo especialmente no da Pintura; necessidade de análises especiais, que incidissem sobre toda a documentação conhecida, com conclusões para cada caso; nada de sínteses, enquanto se não tenha procedido ao trabalho de análise metódica.

#### *A Pintura portuguesa de meados do século XV a meados do século XVI em suportes de tecido — tela e pano de linho (1941).*

Em Portugal pintou-se em linho e tela na segunda metade do séc. XV e na primeira do imediato; leitura de passos de manuscritos quinhentistas, referentes a pinturas com assuntos religiosos, que existiram no País antes de 1550; frontais, painéis e retábulos; o tecido de suporte de tais pinturas é aí denominada «pano», «pano de linho», «destopa» ou «de callec». Como exemplo de retábulo em pano de linho fez menção de um dos «Reis Magos», anterior a 1526. Alusão aos panos pintados da Misericórdia de Lamego, dos quais publicou uma relação o Prof. Vergílio Correia. Referência a quadros de pintura sobre tecido, ainda existentes: frontal de linhagem do séc. XV, do Museu de Machado de Castro (Coimbra), procedente da Igreja de Santa Cruz, divulgado por Vergílio Correia. Do séc. XVI: dois painéis com le-

gendas, de N.<sup>a</sup> Senhora da Misericórdia e N.<sup>a</sup> Senhora da Piedade, que vêm contribuir para nova luz sobre o problema da colaboração dos Mestres de Ferreirim e a personalidade artística de Gregório Lopes.

#### *A Exposição dos Primitivos (1941).*

Importância desta exposição (1940) principalmente para firmar a convicção de ter havido uma Escola Portuguesa de Pintura; embora com colaboração e influência de estrangeiros, os pintores portugueses tiveram sempre um espírito próprio e feição sua, a que os estrangeiros se adaptaram; o caso de Frey Carlos é individual; a Pintura portuguesa, em pleno Renascimento, mantinha-se gótica, medieval, religiosa, em contraste com o que se passava lá fora.

#### *A personalidade artística e histórica do pintor Hendric Cornelisz Vroom, holandês, que esteve em Portugal (1941).*

Sucessos da viagem do artista, descritos por Carel Van Mander: o naufrágio próximo das Berlengas, a passagem por Peniche e Setúbal; factos que devem ter ocorrido no fim do séc. XVI, contribuíram para a vinda dele a Portugal e para que deixasse documentos artísticos da sua permanência; ao estudar a forma artística do pintor holandês, apresentou um dos seus quadros, que é de assunto naval.

#### *Iconografia antoniana do século XIII (1945 e 1946).*

Falta de menções do aspecto físico do Santo nos documentos coevos dificulta a identificação de retratos dele, embora se saiba de pinturas do séc. XIII, desconhecidas em Portugal, que devem ter sido executadas sobre retratos verdadeiros; é duvidoso que o painel executado pelo Mestre de S. Francisco, único divulgado em Portugal, seja a mais remota representação do Santo; crítica à deformação

que nas letras portuguesas tem sido dada a esta alta figura nacional e europeia da Idade Média.

Em 1946 voltou o Autor ao mesmo assunto: a representação vulgarizada do Taumaturgo português deformou a primitiva iconografia, e discorda das informações, sugestões e interpretações dos textos, dos factos e da tradição.

*Novas tábuas da Escola de Viseu* (1946).

Notícia do achado destas tábuas numa vila da Beira Alta; discussão da sua identificação artística.

*O Pintor holandês António Moro e a sua vinda a Portugal* (1951).

Personalidade do Artista; sua estadia em Portugal, onde exerceu actividade artística; os problemas da sua vinda e permanência, quem o chamou, quanto tempo se demorou, quais as obras pintadas por ele em Portugal, que se conhecem, bem assim as réplicas e variantes catalogadas; alusão aos depoimentos de Shot e de Van Mander; referência a uma carta de Granville de 1550 e à ordem de pagamento, passada pela Rainha D. Catarina com a data de 1553. Retratos executados pelo Pintor nos Países Baixos, imediatamente antes de 1550, e na Inglaterra depois de ter estado em Portugal. Conclusão: António Moro veio por mandado de Maria da Hungria, e terá trabalhado cá depois de 1549 e antes de 1552.

Dr. J. G. DA CRUZ E SILVA

*Achado de três sepulturas neolíticas no Cerro do Pinheiro, ao Sul de Sines* (1939).

Localização, descrição dos trabalhos, e das antelas-cistas: sua arquitectura, espólio lítico (machados, escopros, enxós, etc.), cerâmico e osteológico. 6 fotografias.

Publicação no vol. III de *Ethnos*, págs. 315-317.

MANUEL GOMEZ SÓSA (Espanha e Portugal)

*Interpretação de dois instrumentos de pedra do Algarve* (1945).

Apresentação dos exemplares; condições do achado; oferecidos ao Museu Etnológico; descrição e discussão do seu uso: peças de arado neolíticas?

J. M. CORDEIRO DE SOUSA

*Relação das Inscrições dos séculos VIII a XIII existentes em Portugal*

(Considerações gerais); I. — Inscrições sepulcrais; II — Inscrições comemorativas; III. — Inscrições em objectos de ourivesaria religiosa.

Trabalho publicado no vol. III de *Ethnos*, págs. 113-133.

Major ISMAEL JOAQUIM SPÍNOLA

*Os «dinheiros» da 1.ª Dinastia, especialmente de D. Dinis* (1951).

Apresentação de desenhos e decalques dessas moedas e dos tipos de letras e cruces; exemplares das moedas nas montagens adequadas; pela observação dos tipos de letras e pela disposição das legendas, como dos sinais numismáticos, formulou um esquema provisório; baseou-se no critério de que a diferenciação marcará origens ou cunhagens diferentes para cada tipo suposto em que concordam, por via de regra, caracteres precisos.

*Numismática medieval portuguesa* (1952).

Apreciação da numismática e dos tipos de moedas; apresentação de problemas a estudar.

*A Numismática medieval, encarada como um espelho das ideias filosóficas da época* (1952).

Com a apresentação de moedas, decalques e desenhos, estudou a significação simbólica dos sinais empregados.

*O simbolismo que se encontra nas moedas medievais* (1953).

Estudo das representações simbólicas da Idade Média na Numismática; símbolos adaptados, como reflexo de uma época, e símbolos próprios das moedas; apresentação e discussão dos símbolos mais importantes.

JOSÉ AUGUSTO DO AMARAL FRAZÃO DE VASCONCELOS

*O selo do Infante D. Henrique* (1933).

Encontro do selo numa carta, inédito e dado por inexplicável: interpretação da legenda pelo Coronel Garcez Teixeira, e descrição heráldica pelo autor da comunicação.

Referência no *Boletim*, pág. 25.

«*Carta das nouas q̄ vieram a el rey nosso senhor do descobrimento do Preste João*», obra impressa em Lisboa no ano de 1521 (1936).

Fac-simile do rosto do livro e sua descrição bibliográfica; cimélio valioso, exemplar único, ainda não referido pelos bibliógrafos; a esfera armilar e as vinhetas da primeira página são de Valentim Fernandes, embora o impressor da obra tenha sido Germão Galhardo; referência ao assunto da «Carta» e ao autor, o Licenciado Pedro Gomes Teixeira, de quem deu algumas notícias inéditas. Foi comprada a obra pelo Museu Britânico por baixo preço. O A. da comunicação lamentou que a Biblioteca Nacional de Lisboa não tivesse feito essa aquisição.

*Roteiro do rio Amazonas, escrito em 1615 por Manuel de Sousa de Eça* (1950).

Comunicou que encontrara no Arquivo das Índias, em Sevilha, um roteiro do rio Amazonas, escrito em 1615 pelo português Manuel de Sousa de Eça. Apresentou fo-

tografias desse manuscrito e mostrou a sua importância, por vir demonstrar que os trabalhos portugueses no descobrimento e exploração na respectiva região são muito anteriores aos referidos no Congresso da Expansão do Mundo Português, de 1937, pelo catedrático espanhol D. António Ibot, na parte relativa ao século XVII, levados a efeito por espanhóis.

Prof. Doutor LEITE DE VASCONCELOS

*Localização da cidade de Ammaia.*

Comunicação publicada no vol. I, de *Ethnos*, págs. 5-9.

*Gregos no Algarve na época romana* (1933).

Utilizou inscrições inéditas e serviu-se de outras, já publicadas por Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, para provar a influência grega nesta província, durante a ocupação romana.

Referência no *Boletim do Instituto*, n.º 1, Lisboa, 1936, pág. 24.

*Três inscrições romanas de Portugal* (1933).

As inscrições apresentadas e estudadas são: uma de Beja, consagrada à Mãe dos Deuses; outra de Aldeia do Mato, que oferece a particularidade notável do nome TAIVS, aparecido pela primeira vez em Portugal; a última da Covilhã, com o nome bárbaro — NAVGACV.

Referência no *Boletim*, págs. 28-29.

*Antiguidades romanas das povoações de Teixoso e Aldeia do Mato (Covilhã)* (1934).

Englobou na notícia as duas inscrições, a que se referira na comunicação anterior, e falou de outros achados: uma ânfora de barro, uma lucerna indígena e a asa de um jarro de bronze, formada por uma loba.

Referência no *Boletim*, pág. 34.

*A «Fonte do Ídolo», em Braga, da época romana (1938).*

Localização do monumento na «Quinta do Ido» (Ídolo), dedicada a Tongonabiago (deus da água, por quem se jura); comentários interpretativos.

Engenheiro JOAQUIM FERRARO VAZ

*A Numismática dos primeiros séculos da Fundação.*

Estudo de um recente achado de moedas desse período; valor destes achados de moedas amalhadas por muito tempo, para o conhecimento histórico, numismático e técnico, por eles fornecido. Dois mealheiros continham moedas de D. Sancho (I e II) e de D. Afonso III, descritas.

*Classificação dos «dinheiros» (1953).*

Crítica aos trabalhos de classificação e de estudos numismáticos sobre o assunto, de Lopes Fernandes, Teixeira de Aragão e Alexandre de Sousa; apresentação de uma classificação com elementos novos, obtidos em estudos que dentro de pouco tempo serão publicados.

Prof. ABEL VIANA

*Insculturas rupestres em Carreço (Viana do Castelo) (1937).*

Descrição e desenhos de figuras geométricas, zoomórficas e antropomórficas, de dois rochedos de granito, situados próximo da estrada nacional da Areosa ao Carreço, no Figueiral.

*Lages antropomórficas em Carreço (Viana do Castelo) (1937).*

Descrição e localização das lages e seu comentário.

*Quatro «Coups-de-poing» do Alto Minho (1937).*

Apresentação de quatro peças paleolíticas, bem características; sua descrição e localização do achado; oferecimento delas ao Museu Etnológico, por intermédio do Instituto.

*Figurinha romana, dos arredores de Beja (1943).*

Sua descrição acompanhada do respectivo desenho; condições e localização do achado.

A REDACÇÃO